

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v18i32.842>

*NASCIMENTO MORAES, DOCÊNCIA E JORNALISMO EM MAIS DE 50 ANOS DE IMPRENSA NO MARANHÃO*<sup>1,2</sup>

*NASCIMENTO MORAES, TEACHING AND JOURNALISM IN OVER 50 YEARS OF PRESS IN MARANHÃO*

*NASCIMENTO MORAES, ENSEÑANZA Y PERIODISMO EN MÁS DE 50 AÑOS DE PRENSA EN MARANHÃO*

MARILÉIA DOS SANTOS CRUZ

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2688-7653>

Doutora em Educação Escolar pela UNESP/Araraquara

Professora do Curso de Pedagogia do CCSST (UFMA/Imperatriz)

Imperatriz/Maranhão/Brasil

[euluena@hotmail.com](mailto:euluena@hotmail.com)

**Resumo:** O presente artigo visa dar visibilidade à trajetória do professor e jornalista Nascimento Moraes, catedrático de geografia do Liceu Maranhense e docente da Escola Normal. Esse professor, embora tenha publicado apenas quatro livros, participou da fundação da maioria dos jornais maranhenses da primeira metade do século XX, deixando vasta produção em mais de meio século como jornalista.

**Palavras-chave:** Nascimento Moraes. História da Imprensa. Professor Negro.

**Abstract:** This article aims to give visibility to the trajectory of journalist Nascimento Moraes, geography professor at the Liceu Maranhense and teacher at the Escola Normal. This professor, despite having published only four books, participated in the foundation of most of the newspapers from Maranhão in the first half of the 20th century, leaving a vast production in more than half a century as a journalist.

**Keywords:** Nascimento Moraes. History of the Press. Black Teacher.

**Resumen:** Este artículo pretende dar visibilidad a la trayectoria del periodista Nascimento Moraes, profesor de geografía en Liceu Maranhense y Escola Normal. Este profesor, aunque publicó sólo cuatro libros, participó en la fundación de la mayoría de los periódicos de Maranhão en la primera mitad del siglo XX, dejando una vasta producción en más de medio siglo como periodista.

**Palabras clave:** Nascimento Moraes. Historia de la Prensa. Professor Negro.

---

<sup>1</sup> Artigo submetido à avaliação em abril de 2021 e aprovado para publicação em junho de 2021.

<sup>2</sup> O presente texto é fruto da pesquisa *O pensamento pedagógico do professor José Nascimento Moraes na primeira metade do século XX*, contemplada com financiamento FAPEMA – UNIVERSAL n.º 149815-2017.

## Introdução

Nas ciências sociais, especialmente na história, as biografias têm assumido grande importância, e até centralidade (LEVI, 1998). Pierre Bourdieu chama a atenção para um aspecto indispensável quando se trabalha com história de vida, que é o estudo do contexto social em que o indivíduo atua. Para ele, os mecanismos sociais “[...] favorecem ou autorizam a experiência comum da vida como unidade ou como totalidade” (BOURDIEU, 2006, p. 185).

Giovanni Levi, assim como Bourdieu, coloca no conjunto da tipologia das abordagens biográficas a “biografia e o contexto”. Para Levi, a reconstrução do contexto histórico e social levaria a caracterizar “[...] uma atmosfera que explicaria a singularidade da trajetória” (1998, p. 175), de modo a identificar na história particular do sujeito estudado as práticas culturais típicas de determinados grupos, em um determinado tempo e lugar (LEVI, 1998). O contexto também serve para “[...] preencher as lacunas documentais por meio da comparação com outras pessoas cuja vida apresenta alguma analogia” (LEVI, 1998, p. 176).

O presente artigo visa dar visibilidade à trajetória do professor e jornalista José Nascimento Moraes, catedrático de geografia do Liceu Maranhense e docente da Escola Normal, onde lecionou várias disciplinas: aritmética, álgebra, geometria, português, pedagogia e história da educação. Esse professor, embora tenha publicado apenas quatro livros<sup>3</sup>, deixou extensa produção em vários jornais do Maranhão, em mais de meio século de imprensa, participando da fundação da maioria dos jornais maranhenses da primeira metade do século XX<sup>4</sup>.

Ao contrário do perfil dos mais destacados literatos do Maranhão, Nascimento Moraes não teve uma procedência abastada, tendo sido gerado por um homem liberto, Manoel do Nascimento Moraes, com uma mulher escravizada, Catarina Maria Vitória, nascido em 18 de março de 1882. Seu pai, Manoel, como vigilante do tesouro estadual, foi funcionário público, além de ter exercido o ofício de sapateiro. Nascimento Moraes recebeu toda instrução

---

<sup>3</sup> O primeiro livro que escreveu foi o romance *Vencidos e Degenerados*, publicado pela primeira vez em 1910. Depois publicou *Puxos e Repuxos* (1910), *Neurose do Medo* (1923) e *Contos de Valério Santiago* (1972) – obra póstuma (CRUZ, 2017). Quatro anos antes de morrer, Nascimento Moraes declarou, em entrevista, que estava escrevendo um livro com suas memórias de jornalista intitulado *Meio Século de Imprensa* e que tinha um livro inédito de poesias, chamado de *Círculos* (NASCIMENTO Moraes escalou... *Pacotilha - O Globo*, São Luís, 10 jun. 1954, p. 4).

<sup>4</sup> Ele participou da fundação e da direção da maioria dos jornais da primeira metade do século XX, tais como: *Diário do Maranhão*, *O Maranhão*, *A Hora*, *O Momento*, *O Jornal*, *Diário da Noite*, *Regeneração*, *A Pátria*, *A Imprensa*, *Diário de São Luís*, *Correio da Tarde*, *O Globo*, *A Campanha*, *Tribuna*, *Notícias* (NASCIMENTO Moraes escalou... *Pacotilha - O Globo*, São Luís, 10 jun. 1954, p. 4). Em outros, esteve entre os principais colonistas.

primária em escolas particulares, à custa dos esforços do seu pai, e o secundário, no Liceu Maranhense (CRUZ, 2016; CRUZ, 2020).

Este artigo apresenta uma descrição da trajetória profissional de Nascimento Moraes em duas partes. Na primeira, aborda-se a carreira docente, e na segunda, aborda-se sua passagem por diversos jornais maranhenses<sup>5</sup>.

### **Os caminhos do professor Nascimento Moraes pelas escolas**

Nascimento Moraes iniciou a docência em 1901, quando, na residência da família, na rua da Cruz<sup>6</sup>, passou a lecionar preparatórios do ensino secundário. Nesse mesmo endereço, funcionou em 1902 o Colégio Gomes de Sousa, dirigido pelo seu irmão Raimundo Nascimento Moraes (CRUZ, 2016).

A rua da Cruz foi o endereço do pai de Nascimento Moraes, sendo divulgado na imprensa como espaço para prestação dos serviços de sapateiro que ele executava. Foi também o endereço atribuído ao sapateiro Aranha, no romance *Vencidos e Degenerados*, o pai biológico de Cláudio Olivier, personagem central da trama (MORAES, 2000).

Em 1968, o governo do Estado do Maranhão homenageou Nascimento Moraes com a fixação de uma placa na casa da rua da Cruz; na oportunidade, Lourenço Porciúncula de Moraes<sup>7</sup> pronunciou-se sobre a vida de seu ilustre primo naquele endereço:

Aqui, precisamente aqui, no longínquo ano de 82, que já se perde à distância, nasceu Nascimento Moraes, nosso querido Juca, que, mais tarde eu vi, já estudante do Liceu, em companhia de seu irmão, o Mundico, Raimundo do Nascimento Moraes, no aconchego dos seus amantíssimos pais, meu tio Manoel e sua inesquecível companheira Catarina, nossa inesquecível babá<sup>8</sup>.

A fala de Lourenço, referindo-se ao primeiro endereço de Nascimento Moraes, foi reproduzida pelo *Jornal do Maranhão*, de 24 de março de 1968. Em outros impressos, tanto

---

<sup>5</sup> Os jornais consultados para escrita deste artigo fazem parte do acervo da hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional, disponível em <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 22 jan. 2020 a 20 fev. 2021.

<sup>6</sup> Segundo Lima (2007), a rua da Cruz é extensíssima. Começa na avenida Beira-Mar e termina na avenida Magalhães de Almeida.

<sup>7</sup> Lourenço Porciúncula de Moraes era primo de Nascimento Moraes, um dos filhos de José Alípio de Moraes, o professor de música, irmão do sapateiro Manoel Nascimento Moraes. José Alípio morreu em 1929, deixando numerosa família, dentre os quais, José Alípio de Moraes Filho, o pai de Jomar Moraes, conhecido pesquisador, ensaísta, cronista, crítico e historiador da literatura maranhense, presidente da Academia Maranhense de Letras, de 1984 a 2006.

<sup>8</sup> VENCIDOS e degenerados. *Jornal do Maranhão*, São Luís, 24 mar. 1968. p. 5.

no século XIX quanto no XX, o local é recorrente em anúncios ligados à família do citado professor, pois além de ter sido a casa do seu nascimento, foi o lugar de funcionamento das suas aulas particulares, além de cenário das duas agremiações literárias de cuja fundação ele participou, logo no início da sua carreira (Oficina dos Novos e Renascença Literária)<sup>9</sup>.

Em 1904, Nascimento Moraes mudou-se para Manaus, e as aulas particulares que ministrava deixaram de ocorrer até 1905, após o seu retorno ao Maranhão. Nota-se que as aulas da rua da Cruz assumem uma estrutura mais organizada no ano seguinte, quando se declara, no *Diário do Maranhão*, que Nascimento Moraes “[...] leciona português, francês, geografia e matemática elementar em sua residência, a rua da Cruz, nº 61, onde mantém um curso primário, das 7 às 12 da manhã, e em colégios e casas particulares”<sup>10</sup>. Em 1907, os anúncios sobre as aulas no mesmo endereço, lecionadas por Nascimento Moraes, originaram o Instituto Nascimento Moraes, denominação que indica a existência de uma escola formalizada<sup>11</sup>.

Em 1908, o professor Nascimento Moraes casou-se com Ana Augusta Mendes e, após dois anos do casamento, a escola reaparece na mesma rua, mas com novo número (67). O ensino primário, mais bem estruturado em dois turnos, recebeu ampliação no número de disciplinas, contemplando ciências e geometria; na parte da alfabetização, contava com o trabalho da sua esposa. Nesse período funcionavam também aulas de latim, além de um curso noturno<sup>12</sup>.

Nascimento Moraes iniciou suas atividades em escolas públicas, como interino da Escola Normal, em 1911, lecionando aritmética, álgebra e geometria. Em 1912, acumulava duas funções públicas, sendo uma federal, no cargo de “Escriturário da Subcomissão de Melhoramentos do Porto”, e outra estadual, na qualidade de professor de Matemática da Escola Normal<sup>13</sup>.

Em 1913, inscreveu-se para o concurso da cadeira Geografia e Corografia do Brasil do Liceu Maranhense, a qual disputou com seu amigo Raimundo Lopes da Cunha. Aprovado no concurso, tornou-se catedrático de Geografia, sendo mestre de várias gerações de maranhenses ilustres, exercendo a docência até 1953, quando foi aposentado.

---

<sup>9</sup> Foram agremiações literárias que funcionaram com base no modelo de academias de letras. A Oficina dos Novos foi fundada em 1900, e a Renascença Literária, em 1901. Em ambas, Nascimento Moraes participou da primeira diretoria, respectivamente, como presidente e como primeiro-secretário.

<sup>10</sup> NASCIMENTO Moraes. *Diário do Maranhão*, São Luís, 24 jan. 1906. p. 3.

<sup>11</sup> INSTITUTO Nascimento Moraes. *Pacotilha*, São Luís, 19 jan. 1907. p. 2.

<sup>12</sup> PRIMEIRAS letras (novo método de ensino). *Diário do Maranhão*, São Luís, 17 jan. 1910. p. 2.

<sup>13</sup> A DELEGACIA fiscal. *Pacotilha*, São Luís, 27 jan. 1912. p. 1.

Em 1918, ele ensinou Português e Pedagogia no terceiro ano da Escola Normal do Estado; em 1938, foi designado para reger a cadeira de Geografia no curso complementar da mesma Escola Normal. Na década de 20, como professor, permanecia no ensino público, exercendo suas atividades no Liceu Maranhense e na Escola Normal do Estado.

Em 1935, foi professor de Pedagogia e de História da Educação da Escola Normal Primária Rosa Castro, sendo presença marcante nas bancas de exames. Em 1934, consta como professor da escola particular Ateneu Teixeira Mendes, ensinando História da Civilização e Geografia<sup>14</sup>.

Orlando Vieira, ex-aluno de Nascimento Moraes, em texto do *Diário da Manhã*, do Rio de Janeiro, replicado no *Diário Oficial*, de 1941, fez a seguinte descrição do saudoso professor:

O Maranhão foi fecundo em homens de valor, João Lisboa, Coelho Neto e tantos outros comprovam a nossa assertiva. A vasta obra que deixaram é o orgulho da cultura nacional. E não somente nas letras surgiram figuras de relevo, a ponto de abrirem novos rumos à literatura brasileira. No magistério, na ciência, nas artes, em todos os setores da inteligência eles pontificaram. Tamanho o prestígio conquistado dentro e fora do país que não raro eram chamados para integrar missões diplomáticas no estrangeiro. Do que tenho ciência pelo menos, sempre se houveram na altura do encargo que se lhes confiou. [...] Um dos maranhenses que mais impressionaram, pela cultura extraordinária, foi Nascimento de Moraes. Nesse tempo, estudava eu no Liceu Maranhense, e o Moraes, com cinquenta primaveras, era então o único catedrático de geografia daquele estabelecimento. Não havia quem lhe votasse admiração. Essa simpatia tão espontânea como sincera, justifica-se plenamente. Não apenas nos méritos de professor erudito. Mas também, e sobretudo, pela maneira afável, [...] e paternal com que tratava os alunos. A seu ver, não havia preconceitos de cor, raça, condição social. O estudante, fosse ele mal ou bom, preto ou branco, pobre ou rico, tinha o seu apoio o seu amparo de mestre e orientador. Antes da aula, divertia os discípulos com três ou quatro anedotas, em que sempre se referia a figura de nossa história. Tão forte era o seu patriotismo que não admitia a hipótese de haver, entre os alunos, alguém que não soubesse, pelo menos, os acontecimentos que precederam e se seguiram à Proclamação da República. Podia tudo acontecer. Mesmo o fato de ignorar-se a disciplina que lecionava. Mas irritava-se quando lhe apontavam um mocinho sem conhecimentos de história. [...]. Como lente de geografia desafiava qualquer outro, pelo saber inextinguível e grande experiência de ensino. Em toda classe, sempre costumam encontrar-se alunos maliciosos, alunos que se comprazem em preparar aos professores mais sabidos as mais imprevistas “ciladas”. Duvidam da solidez da cultura dos mestres, e lançam-se a fazer-lhes perguntas extemporâneas, cuja respostas aparentemente difíceis não oferecem aos entendidos a menor sombra de hesitação. Não poucos alunos puseram à prova o cabedal de conhecimentos de geografia do professor Moraes [...]<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> NO ATENEU Teixeira Mendes. *Pacotilha*, São Luís, 27 nov. 1934. p. 6.

<sup>15</sup> NASCIMENTO de Moraes. *Diário Oficial*, São Luís, 22 jul. 1941. p. 2-3.

Na trajetória de vida, como também depois de sua morte, Nascimento Moraes recebeu muitas homenagens, tanto por parte de ex-alunos, quanto advindas de companheiros do meio intelectual, sendo expressivas exaltações da sua erudição. Um dos mais ilustres alunos de Nascimento Moraes, Josué Montello, após a morte do professor, registrou no *Jornal do Brasil*, a admiração pelo velho mestre:

[...] Tive-o entre os meus mestres do Liceu. Tive-o entre os guias de algumas de minhas leituras essenciais. E contei-o sempre entre os meus amigos. Pude sentir, assim, numa convivência demorada, a grandeza de sua inteligência e de sua cultura<sup>16</sup>.

Nascimento Moraes foi querido de seus alunos e desfrutava de uma rede de relacionamentos pautada na admiração das suas qualidades intelectuais, o que favorecia o trânsito nos jornais, nas escolas públicas e privadas, mas também, conservava uma segunda rede, contrária à primeira, composta pelos seus desafetos. Em vários momentos, os membros do grupo dos desafetos estiveram a postos, em ação, manifestando-se agressivamente em torno de polêmicas literárias, políticas e raciais (CRUZ, 2017).

Não foram poucas as vezes que o professor Negro esteve no centro de polêmicas jornalísticas, como também não tinha o costume de sofrer injustiças ou acusações sem tornar público, pelos jornais, cada situação que passava. Muitas vezes foi membro de bancas de exames, tanto da disciplina objeto da sua cátedra no Liceu, quanto de matérias do curso Normal. Em 1919, ele enfrentou um embate público com o médico Alarico Pacheco, que exercia a função de inspetor federal de exames do ensino secundário, quando a sua presença como membro da banca de Geografia foi vetada pelo referido inspetor.

Alarico Pacheco argumentava que a decisão estava respaldada no cumprimento da lei, que tornava impedidos da participação de bancas os professores que lecionavam a disciplina objeto do exame em escolas particulares cujos alunos fossem examinados. Alegava também que o professor Nascimento Moraes vinha aparecendo em anúncios de escolas particulares, como o Instituto Raimundo Cerveira, da professora Zoé Cerveira<sup>17</sup>, e o Instituto Arimatéia Cisne, escolas que apresentavam em seus programas a cadeira de Geografia<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> NASCIMENTO Moraes. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 abr. 1958. p. 3.

<sup>17</sup> Destacada professora Normalista, filha também de um conhecido professor do período (Raimundo Cerveira), D. Zoé Cerveira esteve sempre muito próxima da família Nascimento Moraes. Foi aluna de Nascimento Moraes no curso Normal do Liceu Maranhense. Foi diretora da escola fundada por ela, em 1919, cujo nome homenageou seu pai. Nesta escola, grande parte dos descendentes de Nascimento Moraes cursou o primário. Nadir Adelaide Nascimento Moraes, filha de Nascimento Moraes, foi aluna da escola e sucessora de Zoé Cerveira, na direção da instituição, depois da morte de Zoé, em 1957.

<sup>18</sup> ESCREVE-NOS o dr. Alarico Pacheco. *O Jornal*, São Luís, 7 abr. 1919.

Nascimento Moraes protestou a sua exclusão da banca de exames de Geografia, alegando que também lecionava as cadeiras de Matemática e Português. Argumentava que o fato de constar nos anúncios indicados, os quais não discriminavam que matéria lecionava, não seria motivo suficiente para sua exclusão, já que era membro efetivo da banca de exame objeto da cátedra do Liceu Maranhense.

Ele alegava que, antes de excluí-lo, o inspetor deveria averiguar com os diretores das escolas ou com os alunos dos cursos para confirmar ou negar se lecionava a disciplina objeto do exame, cuja participação como membro estava sendo negada. Argumentava, ainda, que o anúncio da escola da professora Zoé nunca registrou que ele lecionasse alguma matéria, mas sim que auxiliava nos cursos secundário e médio, e que, posteriormente, contribuiu com a organização do curso primário. Chamou a atenção, ainda, para o fato de que a própria Zoé Cerveira tenha sido aprovada com brilhante desempenho, pela banca de exames de Geografia, do início do ano, na qual constava o referido inspetor; o que, portanto, demonstrava que ela não necessitaria das contribuições dele nessa matéria. Além do que, tendo iniciado o funcionamento do curso médio, naquele ano, a citada professora não teria ainda aluno preparado no 5.º ano, para submeter ao exame de Geografia<sup>19</sup>.

Nascimento Moraes denunciava a sua exclusão, mal justificada, da banca de exames da matéria de sua cátedra pela ação do inspetor Alarico Pacheco, argumentando fato a fato, demonstrando a má vontade deste último. Como se o problema não tivesse sido debatido suficientemente pela imprensa ou pelos ofícios, nessa confusão, um fato a mais veio engrossar a peleja, instituindo um ápice para o confronto entre os dois envolvidos. É que Alarico Pacheco, desgostoso pela reação de Nascimento Moraes em confrontá-lo pela imprensa e por meio de ofícios, desfechou contra o professor do Liceu agressões físicas, descritas pelo ofendido da seguinte forma:

[...] quando às 10 horas de hoje, tomando o bonde na Praça João Lisboa, fui agredido a revólver e bengala, pelo dr. Alarico Pacheco. Está claro que ao dr. Alarico não convém discutir pela imprensa. Não sofre que se lhe analise os atos públicos, mesmo quando a análise é feita por causa de direito ofendido. Assim, sem pendor, para liquidar pendências à valentona, declaro ao sr. Alarico, que prevenido agora, aceito a luta no terreno em que se exhibe. Não custa nada experimentar [...] <sup>20</sup>.

Nascimento Moraes não tinha o costume de deixar no âmbito privado as injustiças que sofria, e usava o espaço da imprensa para dar publicidade. Para ele, parecia clara a

---

<sup>19</sup> PELO Liceu. *Pacotilha*, São Luís, 7 abr. 1919. p.1.

<sup>20</sup> PELO Liceu. *Pacotilha*, São Luís, 8 abr. 1919. p. 1.

compreensão de que precisava enfrentar os comportamentos que pudessem impor controle sobre a posição social que vinha conquistando pelo seu destaque profissional.

### Os caminhos de Nascimento Moraes pela imprensa

O nome de Nascimento Moraes pareceu com o de outros intelectuais maranhenses ao fundar duas agremiações literárias (Oficina dos Novos, em 1900, e Renascença Literária, em 1901), pelas quais tiveram passagem grande parte dos principais nomes que ocuparam as cadeiras da Academia Maranhense de Letras, criada em 1908 (CRUZ, 2017). Contudo, sua aceitação para a Academia Maranhense de Letras do Maranhão foi tardia, em setembro de 1934<sup>21</sup>, e sua posse ainda mais demorada, já que só se efetivou em 12 de outubro de 1938, quando passou a ocupar a cadeira de número 11, cujo patrono foi João Lisboa<sup>22</sup>.

#### *O início da carreira de jornalista*

A carreira jornalística de Nascimento Moraes se inicia escrevendo crônicas na *Pacotilha*, em 1898, época em que tinha apenas 16 anos e ainda cursava o ensino secundário. Entre os fundadores da *Pacotilha*, em 30 de outubro de 1880, além de Victor Lobato e Aluísio Azevedo, estava Manoel de Béthencourt<sup>23</sup>, do qual Nascimento Moraes foi discípulo e um dos seus derradeiros escrivães, conforme registrado em artigo do *Diário Oficial*, de 1941:

O primeiro homem que eu vi produzir foi Manuel de Béthencourt, grande jornalista e professor, uma das maiores culturas intelectuais que hei conhecido em São Luís, e de quem um dia, me ocupei num trabalho completo em que sua individualidade fique perfeitamente conhecida. Manuel de Béthencourt, quando meus pais me guiaram os passos para a sua casa, contava cinquenta e oito anos de idade. Era uma apreciável compleição física. Gozava saúde e quase sempre estava de bom humor. Fui um dos seus íntimos, durante muitos anos, e como Agostinho Reis, um dos seus escrivães<sup>24</sup>.

Nos parece que o ofício do jornalista, sobretudo de polemista, impregnara-se no jovem Nascimento Moraes, no contato com o seu mestre Manuel de Béthencourt, na prática

<sup>21</sup> ACADEMIA de letras. *Pacotilha*, São Luís, 16 set. 1934. p. 6.

<sup>22</sup> NASCIMENTO Moraes recebido na Academia Maranhense de Letras. *Pacotilha*, São Luís, 14 out. 1938. p. 1.

<sup>23</sup> Manuel de Béthencourt foi um português naturalizado brasileiro que atuou como jornalista, cronista, crítico literário e professor. Foi considerado uma importante referência entre a juventude maranhense do Liceu, do final do século XIX (MARTINS, 2002).

<sup>24</sup> A PRODUÇÃO intelectual. *Diário Oficial*, n. 129, São Luís, 7 jun. 1941. p. 1.

de transcrição dos textos ditados. Ali, ainda adolescente, admirava a atividade mental do mestre, do qual afirmava que “[...] produzia a qualquer hora do dia ou da noite”<sup>25</sup>.

Quando Manuel de Béthencourt participou da fundação da *Pacotilha*, em 1880, já havia construído uma carreira de perfil polemista, abolicionista e anticlerical, marcada também pela vigorosa atuação no jornal *O Pensador*<sup>26</sup>.

O segundo jornal em que Nascimento Moraes trabalhou nos primeiros anos de juventude foi *A Campanha*, fundado em 1902, e que teve, como redator-chefe, Manuel de Béthencourt. *A Campanha* tratava-se de um jornal que criticava o poder do partido da situação e que abominava o domínio político de Benedito Leite, principal líder da política do Maranhão naquele período. Nascimento Moraes figurou entre os redatores, aparecendo como autor de diversos contos. Entre os contos de Nascimento Moraes, *O moleque*, publicado na primeira página de *A Campanha*, o levou à perda do cargo que estava ocupando como colaborador da intendência municipal, naquele ano. A demissão tratou-se de uma punição perpetrada pelo intendente municipal Nuno Pinho contra Nascimento Moraes, dada a crítica velada contra Benedito Leite (CRUZ, 2016).

Observa-se que, logo de início, a carreira de Nascimento Moraes se estabelece em oposição ao governo e, por isso, sofreu penalidades. Em fevereiro de 1904, *A Campanha* foi atacada por forças do governo, o que foi respondido pelo diretor, Inácio Raposo, e pelos redatores e operários, à bala. Segundo Nascimento Moraes, em entrevista, “[...] houve mortes e feridos de parte a parte”<sup>27</sup>. Nessa época, Nascimento Moraes era o redator da folha e, após ser ameaçado de morte, refugiou-se em Manaus, onde passou quase dois anos.

Quando esteve em Manaus, do início de 1904 a meados de 1905, trabalhou na redação do *Jornal do Comércio*<sup>28</sup>, como cronista de arte, e foi professor de Matemática Elementar do Ateneu Amazonense<sup>29</sup>.

Em 1906 e 1907, com os pseudônimos João Paulo e Braz Cubas, respectivamente, colaborou em *A Imprensa* (BRÁS, 2014), quando trabalhou com Inácio Xavier de Carvalho e João Baptista de Mello Rabello<sup>30</sup>. Fundou *A Pátria*, em 1908, de pouca duração, pois,

---

<sup>25</sup> A PRODUÇÃO intelectual. *Diário Oficial*, n. 129, São Luís, 7 jun. 1941. p. 1.

<sup>26</sup> *O Pensador* começou a circular em 10 de setembro de 1880 e encerrou suas atividades em 30 de novembro de 1881. Tinha como editor Antônio Joaquim de Barros Lima, com saída três vezes ao mês, e como redatores, além de Manuel de Béthencourt, Pacífico Cunha e Aluísio Azevedo.

<sup>27</sup> NASCIMENTO Moraes escalou... *Pacotilha - O Globo*, São Luís, 10 jun. 1954. p. 4.

<sup>28</sup> *Jornal do Comércio* foi chefiado por Alcides Bahia, jornal de propriedade de J. Rocha dos Santos. Tratava-se de um veículo de oposição.

<sup>29</sup> ALCIDES Bahia. *Pacotilha*, São Luís, 13 out. 1934. p. 2.

<sup>30</sup> Inácio Xavier de Carvalho foi magistrado, professor, jornalista e poeta, considerado notável sonetista e João Baptista de Mello Rabello, jornalista, fundador e diretor do jornal *A Imprensa* (1906).

segundo ele próprio, assediado para mudar a orientação política oposicionista do jornal, preferiu fechá-lo<sup>31</sup>. Esteve também colaborando no *Maranhão*, de Joaquim Alfredo Fernandes e I. Xavier de Carvalho, com o pseudônimo *Um Maranhense*, em 1908 (ARAÚJO, 2011).

Nascimento Moraes declarou, em artigo do *Diário de São Luiz*<sup>32</sup>, que “[...] passou um tempo afastado da imprensa política, quando esteve reservado para a escrita de *Vencidos e Degenerados*”, o que deve coincidir com o período de 1909, já que foi no final desse ano que entregou a obra para impressão na tipografia de Ramos de Almeida<sup>33</sup>, sendo publicada no ano seguinte, conforme anúncio do *Correio da Tarde*<sup>34</sup>. Informação confirmada também no volume 2 de *História do Comércio do Maranhão*, no qual consta como uma obra publicada em 1910 (VIVEIROS, 1954, p. 351).

Em 1910, de volta ao jornalismo político, fez parte da redação do *Correio da Tarde*, cujo redator-chefe era Raul Machado. Deixou o *Correio da Tarde*, com o seu fechamento, quando se afastou pela segunda vez do jornalismo político, reservando-se para estudos visando ao concurso de geografia geral do Liceu Maranhense. Em seguida, foi para *O Jornal*, criado em 1914, publicando textos na primeira coluna, assinados com seu próprio nome em 1916 e 1917.

Na década de 1920, Nascimento Moraes já havia se consagrado profissionalmente e encontrava-se como editor-chefe do *Diário de São Luiz* e colaborador na *Pacotilha*, para a qual retornara a convite de Agostinho Reis, desde o final de 1919. Saiu do *Diário de São Luiz* em 1925, quando esse jornal deixou de circular, onde esteve como editor-chefe desde a fundação, em 1920. No período em que foi editor-chefe do *Diário de São Luiz*, enfrentou duas polêmicas cujos debatedores se manifestavam por meio do mesmo jornal, a *Folha do Povo*, de propriedade do médico Tarquínio Lopes Filho, fundado em junho de 1923 (SALGADO FILHO, 2015).

A primeira dessas polêmicas ocorreu no mesmo ano de fundação da *Folha do Povo*, quando Nascimento Moraes se tornou alvo de uma onda difamatória protagonizada pelo professor Rubem Almeida, o qual fazia uso do pseudônimo Roncador. Nesse período, governava o Maranhão Godofredo Vianna, com quem Nascimento Moraes nutria boas relações, tendo feito parte do seu comitê político. Tarquínio Lopes era ligado ao partido de oposição ao governo e usava o seu jornal, a *Folha do Povo*, como veículo de crítica do poder

---

<sup>31</sup> NEM HONTEM, nem hoje, nem amanhã! *Diário de São Luiz*, São Luís, 8 jul. 1922.

<sup>32</sup> NEM HONTEM, nem hoje, nem amanhã! *Diário de São Luiz*, São Luís, 8 jul. 1922. p. 1.

<sup>33</sup> O SENHOR professor Nascimento Moraes... *Diário do Maranhão*, São Luís, 17 dez. 1909. p. 1.

<sup>34</sup> VENCIDOS e degenerados. *Correio da Tarde*, São Luís, 30 jun. 1910.

estadual daquela época. Dessa vez, Nascimento Moraes foi colocado no centro dos ataques da *Folha do Povo*, em textos carregados de insultos que tentavam desqualificá-lo profissionalmente.

Rubem Almeida, nascido em São Luís, em 1896, tornou-se também catedrático de língua portuguesa do Liceu Maranhense e militou em quase todos os jornais de São Luís, sobretudo, a partir de 1912. Na *Folha do Povo*, de 27 de novembro de 1923, o Roncador analisou o programa de literatura ministrado por Nascimento Moraes para as normalistas, desqualificando o conteúdo de cada tópico. Além de apresentar sugestão de conteúdos ao programa, procurava desmoralizar a imagem do professor Nascimento Moraes, conforme se pode notar na transcrição que segue: “Um nascimento qualquer, becio como todos, quando são morais chega a uma explosão de arte. Ignorantão, não pode contudo, ficar calado. E começa, pois a despejar asneiras transmitindo à escola, as suas emoções estéticas, isto por meio de palavras”<sup>35</sup>.

Além da análise do programa, Rubem Almeida utilizava-se de uma infeliz associação do professor negro com os animais de montaria. Os insultos excederam o nível da desqualificação intelectual e o racismo se revelou sem pudor, conforme se pode observar abaixo:

É da infalível sabedoria popular que os animais de montaria só escumam e escouceiam e dão pinotes e acuados, quando, um tanto ainda selvagens, sentem, no couro abdominal o acerado alicate, lembrando-lhes que não estão cumprindo a risca a sua tarefa de irracionais.

Que faz o bom cavalheiro, nesse caso? Nada mais do que um pequeno gesto, o de puxar-lhe a bride, moderando assim, com a dor produzida pelo metal nos beiços da alimária, do mesmo passo, a sua fogueira e a sua aspiração. Porque é mesmo dos quadrúpedes, notadamente das azêmolas, esse vezo incorrigível de não se quererem conformar à sua irrevogável condição de eternos vencidos e eternos degenerados.

Passivos, pela lei da natureza e por seu próprio sexo, não se querem contudo sujeitar aos espinhos do ofício, e então procuram sempre meios e modos de deitar abaixo os seus dirigentes ou as suas cargas. As azêmolas pretas, então, são as das mais estúpidas e convencidas que se conhecem. Deu-lhes nos cascos, veja-se o ideal da *juquinha*! Ser branco [...] *de ações* [...]<sup>36</sup>.

O autor segue o texto desqualificando Nascimento Moraes até de sua condição humana, num tom bem parecido com o que o professor já havia enfrentado em 1910, quando pela imprensa, enfrentava o inspetor da Instrução Pública Antonio Lobo (CRUZ, 2016).

<sup>35</sup> EM TORNO da instrução. *Folha do Povo*, São Luís, 27 nov. 1923. p. 3.

<sup>36</sup> EM TORNO da instrução. *Folha do Povo*, São Luís, 27 nov. 1923. p. 3, grifos do autor.

Outras duas questões acirraram o debate naquele ano de 1923. No centro da polêmica apareceu a grave acusação de que Nascimento Moraes teria roubado o programa de cosmografia de Dunshee de Abranches Moura, e que ele, nos exames de tirocínio, não se comportava com isenção, privilegiando as alunas da escola Raimundo Cerveira.

A primeira questão foi denunciada pelo Roncador, na *Folha do Povo*, do dia 17 de outubro de 1923<sup>37</sup>, e aparece também no dia 31 de outubro<sup>38</sup>, quando se afirmava que Nascimento Moraes, além de roubar o programa do colega, teria contado com a ajuda do diretor do Liceu Maranhense para elaborar uma história a fim de demonstrar que havia sido vítima de engano, ou da desorganização da secretaria da referida instituição.

Por outro lado, Nascimento Moraes se defendia pelas páginas do *Diário de São Luiz*:

É simplesmente mentira! Sendo o professor Nascimento Moraes amigo do Dr. Abranches, com quem conversa frequentemente na Secretaria do Interior, não lhe custaria nada pedir ao provedor da astronomia um programa para a sua cadeira. E teria muito prazer em fazê-lo porque reconhecesse no Dr. Abranches um mestre na matéria, de conhecimentos profundos nela, e ele, o professor Nascimento Moraes, sendo apenas um professor da matéria, com a obrigação pedagógica de apenas ensinar noções, bem avisado andaria se se socorresse de quem tem o conhecimento profundo. Mas tal não se deu, nem o professor Moraes pediu ao professor Abranches, nem o filou [...]<sup>39</sup>.

No dia seguinte, Nascimento Moraes publicou os 34 pontos do programa de cosmografia que vinha ministrando, havia dois anos, e contou a sua versão do fato que levou Rubem Almeida a denunciá-lo como um incompetente professor que, por preguiça, roubou o programa de um colega.

Nascimento explicava que no ano anterior, “por motivo de ordem superior”, não compareceu à mesa de exames da sua cadeira no Liceu e que, quando o presidente da mesa pediu o programa de Cosmografia, este não foi encontrado pelos funcionários do Liceu. Fazendo parte da mesa, o professor Dunshee de Abranches escreveu uma lista de 12 pontos a fim de serem sorteados para o exame. Essa lista ficou guardada no Liceu, e quando o seu diretor resolveu publicar os programas no *Diário Oficial*, no início do ano de 1923, foi essa mesma lista que foi levada à imprensa, sendo que ele próprio não teve o cuidado de verificar o que havia sido publicado.

---

<sup>37</sup> EM TORNO da instrução. *Folha do Povo*, São Luís, 17 out. 1923.

<sup>38</sup> EM TORNO da instrução. *Folha do Povo*, São Luís, 31 out. 1923.

<sup>39</sup> DESORIENTADO, insulta uma grande cultura científica...e mente! *Diário de São Luiz*, São Luís, 22 out. 1923. p. 3.

Conta também que, ao iniciar o ano letivo, encontrou anexada ao seu diário de classe essa lista de 12 pontos que, a princípio, pensou se tratar dos pontos utilizados pelo colégio D. Pedro II, que “[...] por engano houvesse o secretario copiado na secretaria”, contudo, logo identificou não se tratar por reconhecer que naquele colégio são 20 os pontos que abordam Cosmografia, dentro do programa de 80 pontos de Geografia Geral<sup>40</sup>.

Nascimento Moraes afirmava que pediu o programa que havia feito, mas que tanto esse quanto o de Geografia, do qual havia inclusive impresso cópias para serem distribuídos pelos professores particulares, não foram encontrados naquela repartição. Como prova do que afirmava, ele alegava que tanto os funcionários da secretaria do Liceu, quanto os alunos sabiam do acontecimento, revelando que:

[...] por vezes acontecia até de (os alunos) examinarem a letra, que era assim do professor como dos alunos, inteiramente desconhecida.  
 Isso, porém, não obsteu que o professor Nascimento Moraes, fizesse o curso com o seu programa que consta de 34 pontos.  
 Não tendo cópia, nem se lembrando do como da sua organização, pediu a um aluno que já havia prestado exame da matéria uma cópia e fez o curso com os seus 34 pontos<sup>41</sup>.

E seguiu, defendendo-se da acusação da seguinte forma:

Mal sabia, porém, o professor Nascimento Moraes, que os seus gratuitos detratores, andavam às escuras, a afiar essa lâmina para um dia, inesperadamente, com ela em punho, atrevidos, contra ele encostarem.  
 [...] O Sr. Roncador ficou desta vez nessa situação crítica, porque sendo a lista publicada no Diário Oficial, constante de 12 pontos, claro que não podia da cadeira de Cosmografia, que deve constar de 20 pontos, conforme determinação indeclinável do regulamento.  
 Nem o professor Nascimento Moraes poderia aceitá-lo, por maior que fosse o seu desejo de se acomodar gostosamente dentro da lei do menor esforço, nem o poderia permitir o diretor do Liceu Maranhense, que tem por obrigação zelar pelo cumprimento das cláusulas regulamentares, nem o aceitaria o Dr. Antonio Bonna, Inspetor Federal<sup>42</sup>.

A outra questão que colocou Nascimento Moraes em enfrentamento com Ruben Almeida foi a que se referiu à acusação de ter, na qualidade de presidente da mesa de exames de tirocínio<sup>43</sup>, privilegiado as alunas da escola Raimundo Cerveira.

<sup>40</sup> ESBORRACHA-SE... *Diário de São Luiz*, São Luís, 23 out. 1923. p. 6.

<sup>41</sup> ESBORRACHA-SE... *Diário de São Luiz*, São Luís, 23 out. 1923. p. 6.

<sup>42</sup> ESBORRACHA-SE... *Diário de São Luiz*, São Luís, 23 out. 1923. p. 6.

<sup>43</sup> Exame que avaliava o domínio de conhecimentos práticos necessários ao exercício da docência pelas professoras normalistas.

Como defesa, Nascimento Moraes contou que, desde 1920, passou a ser convidado para presidente da banca de tirocínio e que, nos anos de 1921 e 1922, duas normalistas foram repetidamente reprovadas. Segundo Nascimento Moraes:

[...] da odiosidade, grande porção sempre recaiu sobre o professor Nascimento Moraes, que na qualidade de presidente da mesa, ao fim de cada prova, fazia às professorandas as observações necessárias e profundas sobre os erros cometidos. Choveram cartas anônimas, denunciando covardias, dadas à surdina, mas a fiscalização dos exames do tirocínio, rigorosa como era e entregue a professores de reconhecida imputabilidade moral, nunca pode apurar o que as cartas e as denúncias afirmavam. Diziam que as alunas que frequentavam o curso de Tirocínio do Instituto Raymundo Cerveira, eram as que tiravam as melhores notas<sup>44</sup>.

E completou a sua defesa dizendo que, no ano vigente, não havia participado da banca, mas que as alunas do referido curso foram aprovadas mais uma vez, assim como também outras alunas de diversos cursos da capital.

Além de se defender, Nascimento Moraes partia para denúncias e acusações, tanto ao Roncador, quanto ao dono do jornal, o médico Tarquínio Lopes Filho. As acusações apresentadas no mês de novembro receberam respostas que cobriram praticamente toda a primeira página do jornal, em colunas em que Rubem Almeida alternava ataques assinados pelo seu nome, com outros assinados pelo seu pseudônimo.

No dia 29 de novembro, Rubem Almeida declarou que:

O sr. Nascimento Moraes pertence, para glória sua e da sua estirpe, essa pandilha, sempre numerosa neste mundo, dos cínicos, dos audaciosos tartarins, dos impetuosos castrados, cuja única virtude reside na bravura admirável com que sabe suportar os ataques dos apreciadores das suas formas, hábito adquirido se de pequeno quando, esperto, traquinas, ardente, já se exercitava com os seus amigos nos banhos de Macacão!

Crescendo nem por isso, perdeu os costumes da infância, antes os adubou de outros mais perigosos, como sejam um entranhável cinismo e uma profunda covardia.

Cínico e covarde, desse cinismo asqueroso que obriga a escarros, e dessa covardia pulha que inspira compaixão, o sr. Nascimento Moraes é, nesta terra, um tipo que todos repelem, porque é sujo e mal cheiroso, mas ao mesmo tempo inspira piedade, pelos papéis ridículos e humilhantes que de há muito já se habituou a praticar<sup>45</sup>.

O autor segue acusando-o de jornalista alugado pelo governo para servir de seu advogado, além de chamá-lo de “desfalcador de obras públicas” e de professor que tira dinheiro dos seus alunos e que se vinga nos exames. Na mesma página da *Folha do Povo*,

<sup>44</sup> ESBORRACHA-SE... *Diário de São Luiz*, São Luís, 23 out. 1923. p. 6.

<sup>45</sup> EM TORNO da instrução. *Folha do Povo*, São Luís, 29 nov. 1923. p. 1.

Rubem Almeida, agora usando seu pseudônimo, prosseguiu com a crítica que vinha fazendo, em outro número anterior do jornal, sobre o programa de Literatura que Nascimento Moraes havia elaborado para lecionar a suas alunas. Na oportunidade, não deixou de impelir ataques pessoais ao seu oponente, fazendo uso, nesse momento, de uma linguagem irônica, manifestando-se como se de fato fosse um admirador de Nascimento Moraes. Elogiava a sua linguagem polida e a sua boa educação, afirmando que havia uma dúvida se de fato o professor Nascimento Moraes possuía aquela linguagem polida e formação esmerada, que, a partir de então, passava a acreditar que “[...] inconfundivelmente, que é uma realidade, que V. Ex. é, sob todos os pontos de vista um jornalista *polido*”<sup>46</sup>.

Dessa vez, Rubem Almeida escreve de forma contida, evitando a linguagem baixa e o tom xingatório que marcou o seu estilo no início da polêmica. Tentava fazer uso do estilo polido do oponente ao fazer referência à polidez dele. Apesar do estilo irônico, registra fatos notórios sobre o esmero da educação de Nascimento Moraes e dos seus filhos, e ao mesmo tempo atribui tal esmero a uma espécie de capacidade dos negros, de serem insuperáveis, quando se empenham para a polidez, o que é revelado na analogia com o ébano, uma madeira forte e escura. De qualquer forma, o autor deixa entender que tais esmero e educação não estão para os negros como algo natural, mas sim como consequência de um esforço, de um processo de investimentos que, alcançado, torna-se impossível de ser desvirtuado<sup>47</sup>.

A crença na inferioridade dos negros e o ataque ao que se sobressaía em um contexto de exclusão aparecem nos comportamentos de destacados intelectuais durante a Primeira República, conforme registrado na imprensa da época. No ano de 1925, nova onda de ataques raciais foi protagonizada pelo jornal *A Folha do Povo*, desembocando em nova polêmica com Nascimento Moraes. Tudo começou com a publicação de *Cartas Abertas*, assinadas pelo pseudônimo de Geraldo de Aguiar e endereçadas a Romeu d’Avelar, nas quais, apesar de tratar de diversos assuntos, registra a partir de 14 de abril afirmações de conteúdo racistas contra os mulatos.

Na *Folha do Povo* de 14 de abril de 1925, Geraldo de Aguiar, a pretexto de rememorar sua inesquecível passagem pela Europa, relata a sua estada na Alemanha, em 1914, e expressando profunda satisfação com a experiência, lança-se a fazer comparações entre a beleza de Berlim e a inferioridade do Brasil, atribuída à introdução do negro ao processo de colonização portuguesa. Refere-se da seguinte forma à questão supracitada:

---

<sup>46</sup> EM TORNO da instrução. *Folha do Povo*, São Luís, 29 nov. 1923. p. 1, grifo nosso.

<sup>47</sup> EM TORNO da instrução. *Folha do Povo*, São Luís, 29 nov. 1923. p. 2.

[...] a vida suave, tinha o encanto e a beleza que não existe aqui entre nós porque a índole de nossa raça é a tristeza e a apatia; *presente de Grego* que nos fez a colonização portuguesa que fundou aqui importando negros uma nova espécie étnica, ordinárrissima: o mulato. Eu prefiro o negro ao mulato. O mulato, Avellar, tem ódio de duas raças. Odeia o negro, donde nega ter vindo ao mundo. Inveja o branco, porque vê em sua epiderme o ferrete de sua origem. E não se conforma o mulato<sup>48</sup>.

Além de opinar para a infelicidade do Brasil por ter os negros no seu processo de formação social e, sobretudo, pela sua participação na geração do mulato, Geraldo de Aguiar aprofunda mais ainda a descrição sobre esse tipo humano, considerado por ele “[...] um tipo de raça abaixo da crítica” que, na “escala animal”, não existia coisa “pior do que esse tipo”, chamado de “Genipapo”, bastante recorrente na Bahia. E assim, o autor prossegue na descrição sobre como se origina o Genipapo. Relata, ao estilo naturalista, a saída do português pobre de Portugal para Salvador, onde:

Sujo e maltrapilho, montado em cima dos seus tamancos, labuta diariamente nos fundos de uma mercearia irrespirável, infecta, e depois de ter o seu *pé de meia*, arranja a mulata com a qual vive e com a qual procria. [...] Dessa aliança infeliz, sai o “Genipapo”, marcado na sua região renal com uma grande mancha, que é o selo do intercâmbio vergonhoso. O “Genipapo” é o tipo mais ordinário da Bahia. O “Genipapo” é um amálgama indecente onde quer que se encontre<sup>49</sup>.

Posteriormente à publicação das ideias de Geraldo de Aguiar, retratadas de modo tão nostálgico e, aparentemente, sem intenção de atacar ninguém, as consequências são a insatisfação por parte dos mulatos, tão comuns em São Luís, que passaram a exigir, conforme registrado em sucessivos números do jornal *Diário de São Luiz*, que o escritor das *Cartas Abertas*, publicadas na *Folha do Povo*, assinadas pelo pseudônimo de Geraldo de Aguiar, se manifestasse publicamente e se explicasse cientificamente, caso contrário seria considerado um “insultador”<sup>50</sup>.

O desafiante que se colocou em nome dos mulatos para um debate científico da temática pelas páginas do *Diário de São Luiz* foi o professor e jornalista Nascimento Moraes, o qual alegava que o autor das cartas se tratava do médico alagoano da estrada de Ferro São Luís-Teresina, Melo e Silva.

Geraldo de Aguiar, ou melhor, Melo e Silva, na publicação *Cartas Abertas*, do dia 20 de abril, demonstrava-se surpreso pelo descontentamento dos mulatos maranhenses, e,

<sup>48</sup> CARTAS abertas. *Folha do Povo*, São Luís, 14 abr. 1925. p. 1, grifo ao autor.

<sup>49</sup> CARTAS Abertas. *Folha do Povo*, São Luís, 14 abr. 1925. p. 1.

<sup>50</sup> QUEM nos dirá? *Diário de São Luiz*, São Luís, 16 abr. 1925.

sobretudo, por ter sido desafiado a defender-se cientificamente, alegando que não tinha intenção de atingir um ou outro mulato, mas apenas pretendia, a despeito de focar a inferioridade da raça brasileira, frente à europeia, caracterizar um tipo mestiço bastante conhecido por ele na Bahia, e sobre o qual declarava que “não valiam nada”<sup>51</sup>.

A partir de então, Melo e Silva, ainda assinando com o seu pseudônimo, passa a se referir a Nascimento Moraes, caracterizando-o da seguinte forma:

Um fabricante de polêmicas que aqui labuta nos jornais, com muito brilho, aliás; aquele mesmo jornalista brilhante do qual te falei em outra carta [...]; esse mesmo jornalista achou agora de me chamar à fala para provar, com altos conhecimentos de etnografia, que o cruzamento, entre o negro e o branco, dá um tipo apurado, uniforme, ativo, inteligente e ... refinadamente branco<sup>52</sup>.

Além de demonstrar-se descontente por se tornar alvo do jornalista Nascimento Moraes e ironizar o tema do debate, considerando algo desnecessário, já que tinha pensamento formado sobre a questão e via no fato da miscigenação a explicação para as mazelas do Brasil, tentava se retratar quanto à defesa do projeto proibitivo do casamento entre brancos e negros, tema que, na edição anterior da sua carta, afirmava que haveria de defender, caso fosse deputado. Dessa vez, pede que seu oponente fique tranquilo sobre o assunto, já que além de não servir para deputado, tal projeto jamais seria aprovado na Câmara, feito que lá se encontravam “muitos ‘genipapos’ maduros”<sup>53</sup>.

A polêmica prossegue além do mês de abril, adentrando o mês de maio, e após algumas insistências, Melo e Silva assume sua obra, abandonando o pseudônimo, passando também a direcionar-se diretamente à figura do professor Nascimento Moraes, ora defendendo-se de acusações que extrapolam o aspecto teórico, atingindo o âmbito pessoal, ora também direcionando ataques pessoais à figura do professor e jornalista.

Todas as polêmicas envolvendo Nascimento Moraes foram ilustradas, conforme já se demonstrou, por uma intenção de caracterizá-lo como alguém incompetente, que não era merecedor da posição que ocupava na sociedade maranhense. A crítica que lhe foi direcionada sempre foi pautada no uso de termos pejorativos de teor racista, associando-se à cor da sua pele em analogias com a pretensa irracionalidade dos descendentes de africanos. Tais posicionamentos se inspiraram nas pseudociências raciais do século XIX, as quais,

---

<sup>51</sup> CARTAS Abertas. *Folha do Povo*, São Luís, 20 abr. 1925. p. 1.

<sup>52</sup> CARTAS Abertas. *Folha do Povo*, São Luís, 20 abr. 1925. p. 1.

<sup>53</sup> CARTAS Abertas. *Folha do Povo*, São Luís, 20 abr. 1925. p. 1.

apesar de questionadas no século XX, atraíram muitos adeptos no Brasil, especialmente entre os médicos e advogados (SCHWARCZ, 1993).

Em 1926, Nascimento Moraes tornou-se o redator de *A Hora*, que funcionou de 1926 até 1928, do qual também se tornou proprietário. Como redator-chefe desse impresso, sofreu duas condenações por injúria impressa; em uma delas, foi sentenciado ao cumprimento de “[...] três meses de prisão celular e multa de dois contos de reis”, com base no decreto lei de n. 9743, de 31 de outubro de 1923, combinado com código penal civil, por haver publicado artigos com denúncia de corrupção e abuso de poder por parte de Cassio Miranda, chefe do Serviço de Saneamento Rural do Estado<sup>54</sup>.

Além desse processo, o outro, que sofreu por injúria impressa, foi iniciado contra Nascimento Moraes em dezembro do mesmo ano, devido à matéria estampada no *A Hora*, epigrafada como “Um hóspede Importuno”, na qual relatou o ocorrido à porta do teatro Arthur Azevedo, quando o gerente do Banco do Brasil, Oscar de Castro Neves, em enfrentamento com o J. Pires, fazia apologia à violência armada contra aqueles que usavam os jornais para ofender. O fato foi narrado no artigo de *A Hora* e reproduzido pela *Pacotilha*<sup>55</sup>.

De 1929 até 1930, Nascimento Moraes passou a redator-chefe de *A Tribuna*, jornal noticioso, fundado em 1929, de propriedade de Agnelo Costa. Nesse período assinou artigos como seu próprio nome, além de usar os pseudônimos *Junius Viactus*, *Valério Santiago* e *João Ninguém*.

### *O jornalista e o jornalismo no Maranhão na década de 1930*

Com a deposição de Washington Luís, que deu início ao governo provisório de Getúlio Vargas e ao regime de intervenção federal, o Maranhão passou por sucessivas mudanças de interventores nos primeiros anos. Astolfo Serra foi o segundo interventor do Maranhão da Era Vargas, de 9 de janeiro a 18 de agosto de 1931.

Astolfo Serra era um jovem padre, intelectual, poeta, político e jornalista, que teve rápida passagem pelo governo do Maranhão. Durante o seu governo, ele sofreu diversos ataques dos adversários por meio da imprensa e utilizou o *Diário Oficial do Estado* como veículo de defesa do seu mandato, tornando-o em “órgão noticioso e de polêmicas editoriais” (MEIRELES, 2001, p. 317). Quem esteve em defesa de Astolfo Serra, por meio do *Diário*

---

<sup>54</sup> A LEI de imprensa no Maranhão. *O Imparcial*, São Luís, 22 set. 1927. p. 1.

<sup>55</sup> PELA Justiça. *Pacotilha*, São Luís, 14 dez. 1927. p. 2.

*Oficial*, foi Nascimento Moraes, com a sua participação, na segunda página do impresso, ele assumia a defesa do amigo.

O principal desafeto do interventor era o médico, político e jornalista Tarquínio Lopes Filho, proprietário e fundador da *Folha do Povo*. Nas páginas da *Folha do Povo*, Tarquínio se manifestava contrariado pela presença de Astolfo Serra no governo do Estado.

No *Diário Oficial* de 10 de julho de 1931, em *Choro Velho*, Nascimento Moraes se contrapõe à oposição de Tarquínio e explica o motivo dos ataques do adversário:

O ilustrado diretor de nossa confrreira “Folha do Povo”, escreveu, ontem, mais um artigo de estilo, de colunas abertas, na primeira página. Mostra-se profundamente irritado. Parece-nos que lhe sentimos as mãos frias. Afigura-se-nos ouvir-lhe na voz os trêmulos da cólera. Em tudo deixa transpirar uma revolta indissolúvel e uma manifesta disposição de agredir. [...] Porque dissemos que o confrade foi convidado a 8 de outubro para dirigir o Estado, e não quis tomar aos ombros essa responsabilidade, zangou-se, deveras, e fere-nos com a ponta de sua gloriosa espada, afirmando que nossa pena está “encharcada”! E, no entanto, em seguida o ilustre jornalista diz: “Sim, recusei a chefia do Estado”. Mas se é verdade, por que nos insulta? Por que se aborreceu? [...] Iludido porque quando o padre Serra aqui chegou, já o ilustre clínico não era ouvido em palácio pelo dr. Reis Perdigão que, segundo dizem, já não o tratava como revolucionário, mas perante uma comissão da Associação Comercial lhe dava inequívocas demonstrações de despreço, conforme se propalou por toda essa cidade. [...] <sup>56</sup>.

Com a saída de Astolfo Serra do Governo do Maranhão, assumiu o poder o capitão Lourival Serôa da Mota, que governou de 8 de setembro de 1931 a 30 de abril de 1933. Quando foi demitido, Serôa da Mota já se encontrava fora do Maranhão, desde 10 de fevereiro. Nas ausências, era substituído interinamente pelo secretário geral do Estado, Amerino Wanick, conforme havia ocorrido em outra oportunidade, no ano anterior, de 13 de janeiro a 14 de abril, de 1932 (MEIRELES, 2001).

De 1932 a 1934, Nascimento Moraes participou da fundação e trabalhou como redator-chefe do *Notícias*, jornal de propriedade de Astolfo Serra, que foi fundado em março de 1932 e fechado em 19 de agosto de 1934.

*Notícias* tratava-se de um veículo noticioso, com grande quantidade de anúncios. Foi também um jornal de enfrentamento com o governo do terceiro interventor do Maranhão, na década de 1930, e, por isso, sofreu penalidades. Saía seis vezes por semana, tendo sofrido duas interrupções. Na primeira, deixou de circular após o número 103, em julho de 1932

<sup>56</sup> CHORO velho. *Diário Oficial*, São Luís, 10 jul. 1931. p. 1.

(MARANHÃO, 2007)<sup>57</sup>, por ordem do governo estadual, sendo a reabertura em 30 abril de 1933, com o número 104. Sua reabertura ocorreu para cumprimento de ordens do Ministério da Guerra, que por telegrama mandava que fossem reabertos os jornais fechados na capital do Maranhão pelo governo. Depois da reabertura, ainda deixou de circular por dois dias, por terem sido quebradas, “[...] misteriosamente [...] as chapas de anúncios”<sup>58</sup>.

Nesse período, outros dois impressos também sofreram censura: *O Combate*, órgão do Partido Republicano, de propriedade de Marcelino Machado, que deixou de circular em julho de 1932 e retornou em 1 de maio de 1933, e *Tribuna*, órgão independente de propriedade de Agnello Costa<sup>59</sup>.

O secretário geral do Estado em função de interventor interino, Amerino Wanick, foi compelido a executar a ordem do Ministério da Guerra e garantir o funcionamento das redações e a circulação dos jornais fechados na administração de Serôa da Mota<sup>60</sup>. Nesse mesmo dia, o interventor Serôa da Mota enviou sua carta de renúncia ao governo central, de modo que a administração do Maranhão foi passada provisoriamente para o coronel Jansen Serra Lima Saldanha, comandante do 24.º Batalhão de Caçadores, que ficou no poder até o dia 26 de junho, quando o capitão Antônio Martins de Almeida foi tornado o novo interventor do Maranhão (MEIRELES, 2001).

No dia 11 de maio, *Notícias* (n.º 109) publicou a carta de renúncia do capitão Serôa da Mota, na qual atribuía o motivo da sua saída do governo ao desrespeito do Ministro da Justiça ao autorizar a reabertura dos jornais censurados em 1932. O interventor renunciante se defendeu na carta alegando que os impressos proibidos de circular “[...] batiam moeda insultando e caluniando vilmente as autoridades públicas pregando a desordem”<sup>61</sup>. Minimizou o ato de censura, justificando que o fechamento dos jornais foi algo que se deu em concordância com a Associação de Imprensa, a qual decidiu “[...] da necessidade de limitar-se, num ‘modus vivendi’ a liberdade de linguagem, com o que não estiveram de acordo os pretensos jornalistas”<sup>62</sup>.

---

<sup>57</sup> Não foi possível o acesso aos impressos publicados em 1932; o mês de fechamento do jornal foi deduzido a partir da obra *Catálogo de Jornais Maranhenses do Acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite: 1821-2007* (MARANHÃO, 2007), na qual identifica a circulação do jornal em dois períodos, de março a julho de 1932 e de abril a junho de 1934. Verificamos, pela observação do último volume de 1934, que o fechamento se deu no mês de agosto e não de junho, conforme indicado no referido catálogo.

<sup>58</sup> NOTÍCIAS. *Notícias*, São Luís, 6 maio 1933. p.1.

<sup>59</sup> AINDA a carta do capitão Serôa da Motta. *Notícias*, São Luís, 12 maio 1933.

<sup>60</sup> NOTÍCIAS ouve o Sr. coronel Alvares Saldanha. *Notícias*, São Luís, 30 abr. 1933. p. 1.

<sup>61</sup> UM DOCUMENTO histórico: uma carta do capitão Serôa da Motta. *Notícias*, São Luís, 11 maio 1933. p. 1.

<sup>62</sup> UM DOCUMENTO histórico: uma carta do capitão Serôa da Motta. *Notícias*, São Luís, 11 maio 1933. p. 1.

Em forma de denúncia, o *Notícias*, de 12 de maio, criticou o apoio dado pela Associação de Imprensa à censura dos três veículos proibidos de circular pelo interventor Serôa da Mota. Estampada na primeira página do jornal estava a alegação de que a referida Associação mantinha, entre seus associados, homens que não exerciam o jornalismo, conforme descrito abaixo:

Depois que fechou os jornais foi que sr. capitão Serôa procurou amparar-se na Associação de Imprensa, aprovando um heptálogo elaborado pela dita Associação. Mas essa Associação não representa a imprensa de São Luís. Basta lembrar que os redatores do Combate e o diretor e redator-chefe de Notícias não fazem parte dela!!

Mas eram seus membros numerosos cavalheiros que nunca fizeram do jornalismo profissão, nem esporadicamente, haviam em algum tempo, frequentado a imprensa<sup>63</sup>.

A Associação de Imprensa do Maranhão (AMI) foi fundada várias vezes. A primeira vez teve início em 22 de março de 1917, com o objetivo de “[...] manter sempre coesa a classe dos homens de imprensa do Maranhão e a proteger, socorrer e defender os seus associados”<sup>64</sup>.

A Associação de Imprensa era uma necessidade no Maranhão, Estado que se destacou por uma ativa atividade de imprensa, desde a segunda década do século XIX. A história da imprensa maranhense foi marcada por fortes batalhas travadas por meio dos jornais, tendo o governo sido tomado, muitas vezes, como objeto de confronto ou defesa dos impressos. Em diversos momentos da história, os confrontos com o poder instituído descambaram em censura, culminando com a suspensão do veículo. Jorge (2006) destaca, em vários momentos da história, desde o início do século XIX, situações de censura à imprensa e aos jornalistas no Maranhão, demonstrando que essa foi uma prática comum, efetivada por meio de violências físicas, prisões, destruição do maquinário e suspensão da circulação dos impressos.

Dentre os fundadores e membros da comissão que redigiu os estatutos da primeira Associação de Imprensa do Maranhão estava o professor Nascimento Moraes. Ele desempenhou a função de secretário, eleito para primeira diretoria junto de Domingos Barboza, para presidente, e Adelman Corrêa, para tesoureiro<sup>65</sup>.

---

<sup>63</sup> AINDA a carta do capitão Serôa da Motta. *Notícias*, São Luís, 12 maio 1933. p. 1.

<sup>64</sup> A ASSOCIAÇÃO de Imprensa do Maranhão. *Pacotilha*, São Luís, 9 abr. 1917. p. 4.

<sup>65</sup> A ASSOCIAÇÃO de Imprensa do Maranhão. *Pacotilha*, São Luís, 23 mar. 1917. p. 1.

Em 1931, no governo de Astolfo Serra, já sucumbida a primeira Associação de Imprensa criada no Maranhão, uma nova foi fundada, quando se reuniram no mês de junho, os principais jornais e jornalistas do Maranhão visando fundar, pela segunda vez, a Associação de Imprensa.

Foi aclamado para presidente Antônio Lopes, redator-chefe de *O Imparcial*, o qual não aceitou alegando já ter servido na diretoria da primeira Associação e encontrar-se sobrecarregado por outras funções. Em substituição, Carlos Reis, redator-chefe de *O Tempo* e de *O Combate*, foi indicado para presidente; J. Pires, diretor-proprietário de *O Imparcial*, para tesoureiro, e Ribamar Pinheiro, da *Tribuna*, para Secretário, constituíram a diretoria provisória da AMI, refundada em 1931.

O pleito que estimulou essa nova fundação foi a detenção do jornalista e professor do Liceu, Byron Freitas, secretário da redação de *O Tempo* e redator de *O Imparcial*. Byron Freitas foi acusado de propaganda comunista, tendo sido flagrado e detido, na madrugada de 1.º de maio, com uma lata de grude nas mãos, junto com outros rapazes, pregando “boletins comunistas” com conteúdo voltado para “[...] persuadir os operários de que não deviam festejar o 1.º de Maio, que não ouvissem as palavras do governo, que se armassem contra os poderes constituídos”<sup>66</sup>. Por um dia, *O Tempo*, por ordem do interventor Astolfo Serra, foi proibido de circular, sendo seu redator-chefe obrigado a fazer uma retratação, publicada na retomada de circulação do veículo. Outros jornais deixaram de circular em forma de protesto contra o governo de Astolfo Serra, alegando sofrer afrontas por parte do governo<sup>67</sup>.

Após a saída de Astolfo Serra do governo, com a entrada de Serôa da Mota, relações amistosas se estabeleceram entre os jornais e jornalistas da AMI. No mês de outubro, logo no início do governo Serôa da Mota, uma nova diretoria da Associação de Imprensa do Maranhão foi empossada, tendo Tarquínio Lopes Filho, proprietário e diretor da *Folha do Povo*, assumido a presidência<sup>68</sup>.

Em 1932, Nascimento Moraes já não constava entre os membros da AMI, que haviam concordado com o fechamento dos três jornais, assim como Carlos Reis, que era diretor e redator-chefe de *O Combate*. Nesse período, ao tempo da censura de *Notícias*, o presidente da Associação Maranhense de Imprensa era Reis Perdígão, diretor do *Diário da Tarde*.

---

<sup>66</sup> AS ACUSAÇÕES ao interventor Astolpho Serra. *O Imparcial*, São Luís, 18 jun. 1931. p. 3.

<sup>67</sup> FORA das paixões. *O Imparcial*, São Luís, 22 ago. 1931. p. 8.

<sup>68</sup> A ASSOCIAÇÃO de imprensa. *O Imparcial*, São Luís, 10 out. 1931. p. 2.

Em 1933, a AMI, encontrava-se mais uma vez sem funcionamento, situação criticada e descrita por Nascimento Moraes no artigo *Psicologia Coletiva*, publicado no *Notícias*, de 1.º de junho de 1933. Segundo ele:

Desapareceu a Associação de Imprensa. Foi uma das mais efêmeras sociedades criadas nesta capital, desde os tempos do ilustre francês que a fundou. Não era propriamente de imprensa, porque, segundo o quadro que foi publicado, faziam parte dela cavalheiros que nunca frequentaram a imprensa, nem por diletantismo, ou curiosidade. Nasceu apenas para colaborar numa obra da Interventoria passada — o fechamento de três jornais, legislam sobre ética jornalística, lançando um famoso heptálogo, que nunca foi respeitado, nem pelos seus signatários.

O Interventor lançou, então, com seguranças as cartas na mesa — ou se ajeitam ao heptálogo, ou não sairão nunca tais jornais. Foi o que disseram os membros da Associação, e produzindo em seus jornais a palavra do Interventor.

Ao depois, a Associação empalideceu, definhou rapidamente, entrou em coma e morreu! Ninguém deu notícia de seu falecimento, porque ninguém soube de seu transe, nem como foi: se entrou em longas agonias, sinal de muito apego a vida, ou se, sem agonia, serenamente, se despedia dos seus como os justos.

E assim desapareceram a Associação de Imprensa. Mas essa tem sido a sorte de quase todas as associações maranhenses; morreu, alguns dias depois de nascerem. São exceções as que lutam contra a morte e vencem! Os motivos desse desaparecimento prematuro devem ser vários. De dois sabemos. Um deles é o princípio que serve de eixo ou de núcleo a sociedade que apareceu elevado de ódios de paralelidades, de exclusivismos e prevenções de todo custo. O outro é o poder absorvente de um sócio, ou de um grupo que gira em torno do sócio. Aqueles sentimentos são de tal violência que quando a sociedade nasce, quando se insegura já se manifestam claramente os seguros dos germes deletaram já os associados preveem que agremiação não terá vida longa. Os estatutos são preparados com maior apuro maquiavélico, despertando, para que na ocasião do golpe se ponham seu vigor certas disposições trucidadas na parte que deve ser posta fora da batalha.

Os estatutos não são para vitalizar a sociedade, para a destruir num dado momento, considerado oportunos. Superabundam princípios de penalidade e mingam cláusulas que vivem a grandeza e prosperidade do governo. O poder absorvente conta, na certa, com o princípio de montar esforços, quase sempre posto em prática pela maioria dos associados. E o “lassex faire” que detinha a estrutura fundamental dos grêmios. É a displicência acomodática de uma maioria que espera proventos, sem produzir, nem trabalhar. [...] O elemento absorvente criando naturalmente, e é sempre representada por uma meia dúzia que tem ambições a defender por indivíduos que se incorporam por uma convicção, por um justo interesse.

Esses então, reconhecendo que os demais responsáveis da diretoria não se desobrigam, a contendo, de suas funções, chamam a se as suas obrigações, e enfim dentro de pouco tempo fazem e batizam! [...] <sup>69</sup>.

Quando *Notícias* fechou as portas, Nascimento Moraes seguiu para *Pacotilha*<sup>70</sup>, participando da reabertura desse jornal em 1934, como seu diretor até 1935. Em 1934, quem

<sup>69</sup> PSICOLOGIA coletiva. *Notícias*, São Luís, 1 jun. 1933. p. 1.

estava no governo era o capitão Martins de Almeida, que era maranhense e, antes de assumir a interventoria, encontrava-se no Piauí, onde desempenhava a função de secretário geral do Estado (MEIRELES, 2001).

No governo de Martins de Almeida, *Tribuna* e *O Combate*, que em 1932 foram censurados junto com *Notícias*, seguem em oposição ao governo, enquanto *Pacotilha*, jornal dirigido por Nascimento Moraes após fechamento de *Notícias*, serve para defesa do interventor.

Ainda no ano de 1934, Nascimento Moraes foi proposto a sócio da Associação de Imprensa. Nessa época, faziam parte da diretoria, Roberto Gonçalves (vice-presidente) e Antônio Lopes (presidente). A proposta não foi atendida de imediato, declarando-se na *Pacotilha* e que a AMI se encontrava completamente desmobilizada, sem reuniões, sem secretaria, sem sede oficial<sup>71</sup>.

Em sessão de 6 de novembro, por maioria, o nome de Nascimento Moraes foi rejeitado para sócio da entidade. Tratava-se de uma manobra para garantir que *Pacotilha* não obtivesse o registro para circular oficialmente<sup>72</sup>. O comprovante de sócio da Associação, juntado ao pedido de licença do jornal tratava-se de uma exigência, estabelecida pela lei de imprensa do governo provisório da República para que os jornais obtivessem registro e pudessem circular oficialmente<sup>73</sup>.

Em 1935, Nascimento Moraes foi aclamado presidente da AMI, Souza Bispo, o secretário, e J. Pires, o tesoureiro. Astolfo Serra foi escolhido orador oficial da Associação. Nesse período, boas relações se estabeleceram com a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), com o registro de estatutos na entidade nacional, bem como pela concessão do título de sócio honorário, a Herbert Moses<sup>74</sup>, presidente da ABI<sup>75</sup>.

---

<sup>70</sup> Fundado em 30 de outubro de 1880, por Victor Lobato, inicialmente com uma publicação semanal, saindo no domingo, com quatro páginas. Sua publicação ficou suspensa por um período pequeno, de 23 de janeiro a 10 abril de 1881, visando à melhoria do jornal, que assumiria uma periodicidade diária, saindo 6 dias na semana. Posteriormente, deixou de circular por um período maior, de 30 de setembro de 1930 a 21 de agosto de 1934. Deixou de circular em definitivo, em 1938.

<sup>71</sup> PELA Associação de Imprensa. *Pacotilha*, São Luís, 23 ago. 1934. p. 1.

<sup>72</sup> ASSOCIAÇÃO de Imprensa. *Pacotilha*, São Luís, 27 nov. 1934. p. 1.

<sup>73</sup> A PACOTILHA não circula clandestinamente. *Pacotilha*, São Luís, 25 ago. 1934.

<sup>74</sup> Herbert Moses foi eleito presidente da ABI em 23 de maio de 1931, sendo sucessivamente reeleito ao longo de 33 anos. Disponível em: <https://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/associacao-brasileira-de-imprensa-abi>. Acesso em: 13 nov. 2020.

<sup>75</sup> UM TELEGRAMA do presidente da Associação Brasileira de Imprensa. *Pacotilha*, 8 mar. 1935, p. 1; HOMENAGEM ao prof. Nascimento Moraes. *Pacotilha*, São Luís, 17 mar. 1935, p.1.

De 1936 a 1940, Nascimento Moraes colaborou em *O Imparcial*<sup>76</sup>, sendo que a partir de 14 de janeiro de 1940, além de assinar artigos na primeira página do jornal, figurou como diretor do impresso, ao lado de J. Pires. Na oportunidade, o professor-jornalista publicou diversos artigos analisando problemas sobre a política e a educação maranhense, assinando com seu próprio nome e com os pseudônimos *Sussuarana*, *S. Simplicidade* e *Oscar Moreno*<sup>77</sup>.

Em 1936, Nascimento Moraes constava como sócio efetivo da Associação de Imprensa, a qual, logo no início do ano, permanecia sob a presidência de Antonio Lopes, com J. Silvestre Fernandes na função de secretário, J. Pires como tesoureiro e Astolfo Serra como orador, embora no decorrer do ano de 1936 não se identifique nos jornais maranhenses registro sobre Associação de Imprensa, constando apenas o Sindicato Maranhense de Imprensa, o qual apresentava atuação atrelada ao governo.

Esse sindicato obteve o reconhecimento como órgão técnico consultivo da classe jornalística pelo Governo da República, de Getúlio Vargas. Destacava-se pela promoção de homenagens tanto ao interventor Major Carneiro de Mendonça (14 de junho a 15 de agosto de 1936), quanto ao interventor Paulo Ramos (15 de agosto de 1936 a 23 de março de 1945).

Em 1937, em atuação controversa, tinha entre seus sócios o coronel José Faustino dos Santos e Silva, chefe da polícia do governo, engenheiro militar sem atuação profissional nos jornais. O diretor-chefe de *O Combate*, Carlos Reis, e o diretor do jornal *Diário do Norte*, Antônio Lopes, reclamavam de perseguições policiais<sup>78</sup>; enquanto o Sindicato apresentava defesa do chefe da polícia, e não aos jornais perseguidos.

O Sindicato de Imprensa permanece em atividade por todo o governo de Paulo Ramos, em simbiose com o governo e em absoluto controle do jornalismo, o que se prolongou até o ano de 1945, com a deposição de Getúlio Vargas e a saída de Paulo Ramos do governo maranhense.

#### *Décadas de 40 e 50, Nascimento Moraes no fim da carreira*

---

<sup>76</sup> *O Imparcial* entrou em circulação em 1.º de maio de 1926 e é, atualmente, considerado o jornal mais antigo em circulação do Maranhão. Foi fundado em maio de 1926, por João Pires Ferreira, e em 1944 foi adquirido pelos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand.

<sup>77</sup> Oscar Moreno era usado em artigos sobre teatro e literatura, na coluna *Artes e artistas*, em 1936, e assuntos variados nos anos de 1937 e 1938.

<sup>78</sup> O DEPUTADO Magalhães de Almeida, na câmara rebate os ataques do sr. Carlos Reis ao cel. José Faustino. *Pacotilha*, 8 out.1937, p.1.

Nos anos 40, Nascimento Moraes colaborou com a *Revista Athenas*, com o pseudônimo Valério Santiago, o que deu origem à obra póstuma *Contos de Valério Santiago*, publicada em 1972, a partir de material publicado pela *Revista*.

Em 1941, estampava a primeira página do *Diário Oficial* com textos sobre política, educação e biografias, além de artigos de propaganda do governo Paulo Ramos. Em contexto contrário à imprensa livre, ele foi diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DEIP/MA), em 1944, no governo do interventor Paulo Ramos. Órgão criado em 4 de setembro de 1940, em substituição à Imprensa Oficial. Foi uma extensão do DIP, voltado para “[...] fiscalizar censurar, e difundir a ideologia varguista” (COSTA, 2016).

Mais tarde, no jornal *Pacotilha - O Globo*, assinou as crônicas *Por trás da cortina*, com o pseudônimo Braz Sereno, de 1949 até 1954, morrendo em 1958.

### Considerações finais

O conhecimento da história de vida de Nascimento Moraes significa também o acesso a uma parte da história da imprensa no Maranhão, já que passou mais de 50 anos como jornalista. Sua trajetória, como a dos jornais, foi marcada pela oposição, censura e, em determinadas conjunturas, marcada pela aliança com governos.

Observa-se que a imprensa do Maranhão se constituía em um espaço usado por Nascimento Moraes para fazer ecoar a sua voz, na qual tanto se fazia presente a denúncia, a crítica, como também a manifestação de apoio ao seu grupo político.

Nascimento Moraes teve uma participação ativa no meio cultural, político, na imprensa e na educação, e deve ser lembrado entre os mais importantes pensadores do Maranhão. O resgate da história desse professor permite contribuir para a visibilidade do protagonismo de um intelectual negro maranhense, bem como para a geração de reflexões sobre as barreiras racistas impostas aos negros com trajetória social ascendente.

### Referências

#### Jornais

A ASSOCIAÇÃO de Imprensa do Maranhão. *Pacotilha*, São Luís, 23 mar. 1917.

A ASSOCIAÇÃO de Imprensa do Maranhão. *Pacotilha*, São Luís, 9 abr. 1917.

A ASSOCIAÇÃO de imprensa. *O Imparcial*, São Luís, 10 out. 1931.

A DELEGACIA fiscal. *Pacotilha*, São Luís, 27 jan. 1912.

A LEI de imprensa no Maranhão. *O Imparcial*, São Luís, 22 set. 1927.

A PACOTILHA não circula clandestinamente. *Pacotilha*, São Luís, 25 ago. 1934.

ACADEMIA de letras. *Pacotilha*, São Luís, 16 set. 1934.

AINDA a carta do capitão Serôa da Motta. *Notícias*, São Luís, 12 maio 1933.

ALCIDES Bahia. *Pacotilha*, São Luís, 13 out. 1934.

AS ACUSAÇÕES ao interventor Astolpho Serra. *O Imparcial*, São Luís, 18 jun. 1931.

ASSOCIAÇÃO de Imprensa. *Pacotilha*, São Luís, 27 nov. 1934.

CARTAS Abertas. *Folha do Povo*, São Luís, 14 abr. 1925.

CARTAS Abertas. *Folha do Povo*, São Luís, 20 abr. 1925.

CHORO velho. *Diário Oficial*, São Luís, 10 jul. 1931.

DESORIENTADO, insulta uma grande cultura científica...e mente! *Diário de São Luiz*, São Luís, 22 out. 1923.

EM TORNO da instrução. *Folha do Povo*, São Luís, 17 out. 1923.

EM TORNO da instrução. *Folha do Povo*, São Luís, 27 nov. 1923.

EM TORNO da instrução. *Folha do Povo*, São Luís, 29 nov. 1923.

EM TORNO da instrução. *Folha do Povo*, São Luís, 31 out. 1923.

ESBORRACHA-SE... *Diário de São Luiz*, São Luís, 23 out. 1923.

HOMENAGEM ao prof. Nascimento Moraes. *Pacotilha*, São Luís, 17 mar. 1935.

INSTITUTO Nascimento Moraes. *Pacotilha*, São Luís, 19 jan. 1907.

NASCIMENTO de Moraes. *Diário Oficial*, São Luís, 22 jul. 1941.

NASCIMENTO Moraes escalou... *Pacotilha - O Globo*, São Luís, 10 jun. 1954.

NASCIMENTO Moraes recebido na Academia Maranhense de Letras. *Pacotilha*, São Luís, 14 out. 1938.

NASCIMENTO Moraes. *Diário do Maranhão*, São Luís, 24 jan. 1906.

NASCIMENTO Moraes. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 abr. 1958.

NEM HONTEM, nem hoje, nem amanhã! *Diário de São Luiz*, São Luís, 8 jul. 1922.

NO ATENEU Teixeira Mendes. *Pacotilha*, São Luís, 27 nov. 1934.

NOTÍCIAS ouve o sr. coronel Alvares Saldanha. *Notícias*, São Luís, 30 abr. 1933.

NOTÍCIAS. *Notícias*, São Luís, 6 maio 1933.

O DEPUTADO Magalhães de Almeida, na câmara rebate os ataques do sr. Carlos Reis ao cel. José Faustino. *Pacotilha*, 8 out.1937.

O SENHOR professor Nascimento Moraes... *Diário do Maranhão*, São Luís, 17 dez. 1909.

PELA Associação de Imprensa. *Pacotilha*, São Luís, 23 ago. 1934.

PELA Justiça. *Pacotilha*, São Luís, 14 dez. 1927.

PELO Liceu. *Pacotilha*, São Luís, 7 abr. 1919.

PELO Liceu. *Pacotilha*, São Luís, 8 abr. 1919.

PRIMEIRAS letras (novo método de ensino). *Diário do Maranhão*, São Luís, 17 jan. 1910.

UM DOCUMENTO histórico: uma carta do capitão Serôa da Motta. *Notícias*, São Luís, 11 maio 1933.

UM TELEGRAMA do presidente da Associação Brasileira de Imprensa. *Pacotilha*, 8 mar. 1935.

VENCIDOS e degenerados. *Correio da Tarde*, São Luís, 30 jun. 1910.

## Bibliografia

ARAÚJO, A. G. de. *Em nome da cidade vencida: a São Luís republicana em José do Nascimento Moraes (1889 a 1920)*. 2011. 134 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

BRÁS, Helayne Xavier. *Os marginalizados pela república: o discurso sobre modernidade e cidadania na obra de José Nascimento Moraes*. 2014. 121 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2014.

COSTA, Flavia Santos. *A ação da “Imprensa Oficial” e do DEIP sob a interventoria de Paulo Martins de Sousa Ramos no Maranhão (1937-1945)*. 2016. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História Licenciatura) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2016. Disponível em: <https://www.historia.uema.br/wp-content/uploads/2016/11/9.-flavia-santos-costa.pdf> Acesso em: 12 dez. 2020.

CRUZ, M. S. A produção da invisibilidade intelectual do professor negro Nascimento Moraes na história literária maranhense, no início do século XX. *Revista Brasileira de História (online)*, v. 36, p. 209-230, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbh/a/Q9mT4xs6pNRWWdGvRcHsP6G/abstract/?lang=pt> Acesso em: 27 jun. 2020.

CRUZ, M. S. José do Nascimento Moraes: vida de intelectual e de negro em luta contra o racismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 11., 2017, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa: SBHE, 2017. p. 3230-3247.

CRUZ, M. S. A trajetória social da primeira geração de uma família negra escolarizada do Maranhão no século XIX. In: ARANTES, Adlene Silva; LUZ, Itacir Marques da; SANTOS, Maria Emília Vasconcelos dos Santos (org.). *Território negro: percepções históricas e educacionais sobre relações étnico raciais no Nordeste brasileiro*. Recife: UFPE, 2020. p. 26-39.

JORGE, Sebastião. A censura na imprensa do Maranhão. *Revista Cambiassu*, São Luís: Publicação Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, v. 16, n. 2, p. 75-89, jan./dez. 2006. Disponível em: [http://www.cambiassu.ufma.br/cambi\\_2006/sebastiao.pdf](http://www.cambiassu.ufma.br/cambi_2006/sebastiao.pdf). Acesso em: 22 jul. 2020

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 168-182.

LIMA, C. de. *Caminhos de São Luís: ruas, logradouros e prédios históricos*. 2. ed. São Luís: Vozes, 2007.

MARANHÃO. Secretária de Estado da Cultura. Biblioteca Pública Benedito Leite. *Catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite: 1821-2007*. São Luís: Edições SECMA, 2007.

MARTINS, Manoel de Jesus Barros. *Rachaduras solarescas e epigonismos provincianos: sociedade e cultura no Maranhão neo-ateniense: 1890-1930*. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

MEIRELES, M. M. *História do Maranhão*. São Paulo: Siciliano, 2001.

MORAES, J. N. *Vencidos e degenerados*. 4. ed. São Luís: Centro Cultural Nascimento Moraes, 2000.

SALGADO FILHO, N. *Tarquínio Lopes Filho: médico, político, jornalista, administrador que virou mito*. São Luís: EDUFMA, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Espetáculos das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VIVEIROS, J. *História do comércio do Maranhão*. São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 1954. v. 2.